

COMMERCIO DO MINHO

3.º ANNO 1875

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 376

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

PUBLICA-SE
ÀS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

Preços: Braga, anno 13500 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 23100 rs e sendo duas 45000 rs.—Semestre 15250 rs.—Brazill, anno 45400 rs.—Semestre 23300 rs. moeda forte, ou 105000 reis e 53500 reis moeda fraca.—Anuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 20 % d'abatimento.

BRAGA—QUINTA-FEIRA 29 DE JULHO

Religião e politica.

De se haverem postergado, ao constituir sobre novas bases os Estados modernos, os principios immutaveis da verdade e da justiça, que a religião proclama e defende, é que surgiram esses sistemas politicos, entre os quaes o mundo se revolve vacillante e incerto, presentindo já não mui distante o abismo, a que o vae arrastando o torvelinho de falsas, absurdas e encontradas theorias sociaes, a que o catholico não pôde ser indifferente.

Que cada nação se constitua como quizer, fóra das vias religiosas. Que se admitta a absurda theoria dos que affirmam inconscientemente, que a religião nada tem com a politica. Mas fiquemos certos de que este acto de rebellião contra Deus será, cedo ou tarde, punido com a morte social d'esses povos, pois que Deus disse pelo seu profeta David: «O Senhor se vingará das nações rebeldes, multiplicará sobre ellas os seus castigos e quebrantará as cervellas altivas, que ousarem levantar-se contra Elle.»—E este castigo começa pela degradação da obra puramente humana, que fica sendo simplesmente um aborto. E' assim que as constituições, os sistemas de governo feitos sem a collaboraçã da sciencia de Deus, são um montão de contradicções, de erros e de escaudalos. Ouvi ainda o illustre Donoso Cortés:

«A escola liberal, em sua soberba ignorancia, despreza a theologia. Esta escola não chegou ainda a comprehender, e provavelmente não comprehenderá jámais o vinculo estreito, que liga entre si as coisas divinas e as coisas humanas, nem qual seja a afinidade das questões politicas com as questões sociaes, e d'umas e d'outras com as questões religiosas, e como todas os problemas relativos ao governo das nações, dependem dos outros problemas, que se referem a Deus, legislador supremo de todas as sociedades humanas.»

Effectivamente a escola liberal não comprehende nada d'isto; e assim é que aquellos, que se nutriram por algum tempo da sua falsa sciencia, embora no fundo d'alma sejam verdadeiros catholicos, nos veem diser com ridiculo entono: «Os povos teem o incontestavel direito de se constituirem publicamente como melhor julgarem, sem que a religião intervenha no caso.»

E assim entregue o homem a si mesmo, só pôde produzir monstruosos sistemas de governo. Continuemos a ouvir o sabio publicista hispanhol:

«Quem não vê que affirmar esta absoluta separação entre Deus e o homem, é negar a Deus? Estava reservado á escola liberal, de todas as escolas racionalistas a mais fecunda em contradicções, o affirmar a Deus dogmaticamente depois de o haver dogmaticamente despejado de todos os seus attributos; e n'ella esta contradicção grosseira não é accidental, mas essencial: o que ella faz a respeito de Deus na ordem religiosa, fal-o, na ordem politica, a respeito do rei e do povo. A prerogativa d'esta escola é de proclamar as existencias que annulla, e de annullar as existencias, que proclama; a cada um dos seus principios appensa um principio contrario, que o destroe. Assim ella proclama a monarchia e ao mesmo tempo a responsabilidade ministerial, por consequencia a omnipotencia do ministro responsavel, negação da monarchia. Proclama a omnipotencia ministerial, e ao mesmo tempo a intervenção soberana nos negocios do Estado das assembleias deliberativas, negação d'esta omnipotencia. Proclama a intervenção soberana das assembleias politicas nos negocios do Estado, e ao

mesmo tempo o direito dos collegios electoraes de julgar em ultima instancia, negação da soberania das assembleias politicas. Proclama o direito de suprema arbitragem como pertencendo aos electores, e ao mesmo tempo, mais ou menos explicitamente, o direito supremo d'insurreição, negação d'esse direito de arbitragem suprema e pacifica. Proclama o direito d'insurreição como pertencendo ás massas, o que equivale a proclamar a sua soberana omnipotencia, e ao mesmo tempo a lei do censo eleitoral, o que equivale a condemnar ao ostracismo a multidão soberana. Em todo este amalgame de principios contradictorios ella tem por unico fim produzir e manter, á força de artificio e de industria, um equilibrio, que nunca chega a realisar, porque está em contradicção com a natureza do homem e com a natureza da sociedade. Ha uma força unicamente, á qual a escola liberal não tem procurado um contrario: é a força corruptora. A corrupção é o deus da escola, e como Deus está em toda a parte ao mesmo tempo. A escola liberal tem combinado as coisas de tal sorte, que onde ella prevalece todos devem ser forçosamente corruptores ou corrompidos. Onde, com effecto, todo o homem pôde aspirar a tornar-se Cesar, a crear o Cesar pelo seu voto e a confirmal-o pelas suas aclamações, todo o homem deve ser ou Cesar ou pretoriano. E eis aqui porque uma mesma morte espera todas as sociedades, que cahem sob a dominação d'esta escola: todas morrem gangrenadas. Os reis corrompem os ministros prometendo-lhes a eternidade; as assembleias corrompem-os pelo seu voto, e os ministros, a seu turno, corrompem, de um lado, os reis prometendo-lhes a extensão da sua prerogativa, e do outro os representantes do povo lançando a seus pés as dignidades e os empregos do Estado. Os electos traficam com o seu poder; os electores traficam com a sua influencia; juntos corrompem a multidão com as promessas, e a multidão corrompe-os a todos com seus pedidos ameaçadores e com os seus brami-dos.»

Ah! tendes um quadro exactissimo do vosso parlamentarismo, traçado por mão de mestre. Vinte e quatro annos de experiencia, volvidos sobre aepoca em que Donoso Cortés escreveu isso, que ahí fica transcripto, teem attestado a exactidão das suas ideias e a certeza das suas vistas. Poderéis diser-nos que temos o direito de condemnar esse sistema de governo em nome da politica, mas não em nome da religião. Responder-vos-hemos, que a religião condemna tudo o que é erro, tudo o que é mentira e engano, tudo o que é injustiça e corrupção.

Depois o vosso sistema está tambem condemnado á posteridade pelos seus resultados fataes ao catholicismo em todos os tempos e em todos os lugares.

Abri a historia contemporanea, e vereis que em toda a parte o estabelecimento de semelhante sistema tem sido seguido da perseguição á Igreja, do roubo de seus bens, do desprezo de suas leis, da guerra ás suas instituições. O triunfo das ideias liberaes tem sido sempre e em toda a parte o triunfo da descrença, da irrelição e da impiedade. O ha-se vos atreveis a negar estes factos, que acompanhando em todos os paises o predomínio do sistema liberal, não podem deixar de ser reputados como sua consequencia.

E depois, nós não conspiramos contra as vossas dinastias; mas temos o direito de ver nos seus representantes outros tantos inimigos da Igreja, porque debaixo do seu manto real se abrigam os que todos os dias a estão ferindo com leis iniquas e até com abusos escaudalosos. Nós não nos insurgimos contra as vossas instituições. Mas temos o direito de ir pro-

curar n'ellas o principio subversivo da ordem religiosa, o veneno, que ahí depositou o liberalismo anti-christão, para que podesse depois circular naturalmente por todo o corpo da religião, e corrompelo; temos, digo, o direito de proenrar esse veneno, e de o denunciar aos nossos irmãos de boa fé, para que um dia possam, se lór possível, sustar e remediar os seus mortiferos effectos.

Encaramos a politica sob o ponto de vista religioso, porque toda a grande questão politica é ao mesmo tempo uma questão religiosa; e apesar dos vossos conselhos, que poderão ser de boa fé, mas que são por certo inadmissiveis, fulminaremos a politica enquanto nos parecer hostil á religião.

D. M. S.

A missão de Carlos VII

VI

Outros, porém, menos duvidosos do exito final da empreza de D. Carlos, perguntam: como que ideas praticas, depois que tenha subido ao throno de Hispanha, dirijirá elle um tal paiz, posto em desordem por oito lustros de profundas perturbações? Terá elle espirito, talento, peito e mão que bastem para ter sujeito um povo que parece quasi incapaz de leis e de governo?

A' primeira pergunta respondeu já o proprio D. Carlos com a bem conhecida carta que, tendo pouco mais de vinte annos, isto é no mez de outubro de 1868, escreveu a seu irmão, o infante D. Alfonso, residente n'esse tempo em Roma entre os zuavos pontifices. Naquelle carta expoz as principaes ideias que elle bem amestrado por homem de reconhecida intelligencia e pela historia, via serem as unicas idoneas para os fundamentos da reorganisação da Hispanha. Estas ideas confirmou elle sempre em seus actos successivos; e, o que mais importa, começou a pratical-as com bom resultado nas provincias em que domina como rei.

Antes de tudo pôr em salvo a unidade de fé, fundamento solidissimo da monarchia verdadeiramente historica de seu paiz. A Hispanha—dizia elle n'aquelle carta, e o tem repetido constantemente depois—a Hispanha não tollerará que se desconheça nem que se ultraje a fé de seus paes: possuindo a verdade catholica, sabe que a Igreja deve ser livre para cumprir a sua missão divina. Ainda sem esquecer que o seculo XIX é mui differente do XVI, a Hispanha está resolvida a conservar a toda a custa a unidade catholica, egide de nossas leis e da nossa gloria, vinculo abençoado que une todos os hispanhoes.» Em seguida, como corollario, promulga o dever de observar a concordata feita com a Santa Sé.

Depois afirmando que quer trazer á sua dilectissima Hispanha a «verdadeira liberdade», explica de que natureza seja esta. «Ideia minha predominante e meu continuo desejo é dar á Hispanha aquella liberdade que não conhece senão de nome.—a liberdade filha do Evangelho—, que não é o liberalismo, filho da Reforma; aquella liberdade finalmente que é o reinado das leis justas e conformes ao direito natural e á moral divina.

Mas esta verdadeira liberdade não pôde subsistir onde despotico o parlamentarismo liberal, senhor despotico de tudo por meio do concentramento burocratico. Estas duas pragas—parlamentarismo e burocracia—tem sido duas surgentes inextinguiveis de divisões e de perturbações para a Hispanha. Ora, Carlos VII quer tambem reconstituir politicamente a nação com ajuda das cortes, mas cortes que sejam extrahidas da sua força viva e da sua poten-

cia conservadora; e quer que estas cortes o auxiliem, afim de dar uma lei fundamental; mas deve ser lei definitiva e ao mesmo tempo verdadeiramente hispanhola, isto é, não tomada de emprestimo, nem copiada d'outros povos, diversos por indole, por usos, por attitud e por tradições. As cortes terão poder legislativo nas coisas de administração, mas não nas da politica. «O povo hispanhol, diz sabiamente D. Carlos, instruido por uma dolorosa experiencia, quer a verdade em tudo; e quer que o seu rei seja um rei deveras e não um rei de burla; que nas cortes reine a ordem e a paz; que estas camaras sejam uma reunião de mandatarios independentes e incorruptos do povo, e não uma assembleia tumultuosa e esteril de deputados funcionarios ou deputados solicitadores, divididos em maioria servil e em minoria sedeciosa.»

Afastada a impostura do parlamentarismo á moderna, que constitue a tirannia legal de poucos sobre muitos, D. Carlos quer satisfeitos larguissimamente os votos da nação a respeito das liberdades dos chamados fueros ou franquias administrativas das provincias.

«O povo hispanhol, prossegue elle, ama a desconcentração, e sempre a tem amado. O espirito revolucionario pretende assimillar as provincias Vascas ao resto da Hispanha: o escopo que eu desejo attingir é pelo contrario, que toda a nação goze no interior de um regimen analogo aquelle florece n'estas felizes provincias, impedindo ou remediando porém sempre os possiveis abusos.»

De modo que o conceito pratico da reconstrução monarchica de Carlos VII, se resume n'isto:—na base do edificio as liberdades locais; no vertice o Rei, assistido pelos verdadeiros representantes do povo, que formam camaras consultivas em politica, legislativas em administração; por toda a parte leis que se harmonisem com a Igreja Catholica e liberdades que não degenerem em licença, violadora do direito natural e da moral christã.

(Continúa)

A eleição do deputado por Braga

*Sol da verdade, sol da verdade,
pôde a nuvem escurecer-te,
eclipsar-te nunca.*

Não ha muitos dias que um dos mais publicos e frequentados lugares d'esta cidade me deparou occasião de intender dos homens e dos negocios politicos mais e melhor do que sabia, e menos e peor do que julgava, e poderia esperar.

Dar-me-hia por satisfeito se, unicamente, tuexperado encontro, attencioso cumprimento, e séria conservação fosse o entretenimento d'algumas horas: longe, porém, de tal resultado o encontro antecipou premeditada visita, o cumprimento melhor pretendido compromisso, e a conversação mudou-se em discussão acalorada.

Repalli então, como podia e devia, gratuitas accusações a cavalheiros que de todos merecem igual respeito, de muitos devida consideração, e de não poucos testemunhada e provadissima reconhecimto.

D'entre estes, a quem a baba impura da inveja nunca poderá macular a honra, os sentimentos e os brios cavalheirosos, fóra o sr. Conde de Bertandos, actualmente proposto deputado por esta cidade, a victima innocente e expiatoria de quem, para defender uma causa perdida, não duvida usar de meios indignos, manejar armas traiçoeiras, e empregar tudo o que é opposto á honra e á moralidade.

Remettido, ha muito, por encommodes de saúde, a vida mais particular que publica, nunca pensei de me ver na dura necessidade de vir á imprensa, emprasar al-

quem a que restabeleça, no seu verdadeiro estado, a questão que, mau grado meu déra motivo a este desagradado de honra e dignidade offendidas, sob pena de lhe ser marcado na fronte, pelo publico imparcial, o ferreto ignominioso, mas justo, de calumniador.

Certamente não appellaria para este tribunal, se o sr. A. P. C. não adulessasse o dialogo, envenenasse a intenção, sofismasse as palavras, e fizesse correr, em variadas e extravagantes edições, o que por tantos individuos, fóra ouvido, presenciado, e testemunhado.

Alheio, por minha insufficiencia, sentimentos e posição, a quaesquer luctas partidarias, não posso todavia, deixar de protestar pela integridade de minhas opiniões, sobre tudo, quando d'este silencio, provem menoscabo de honra, caracter e dignidade.

Tal a minha situação, em vista do occrido ha pouco tempo.

Disse o sr. A. P. C. que o partido legitimista d'esta cidade votaria pelo candidato governamental; eu respondi que, apesar de nada saber a tal respeito, talvez pudesse affirmar sem receio de ser desmentido, que o partido em questão não secundaria os trabalhos de nenhuma fracção liberal, antes, na hypothese contraria, o faria em favor do sr. Conde de Bertandos, por n'elle se reunirem, em subido grau, os sentimentos religiosos e patrioticos.

Accrescentei ainda, que na alternativa dos dous candidatos ao parlamento, um de nunca desmentidas crencas religiosas e sempre provadas qualidades civicas, outro de ideas pouco orthodoxas e de incertos e contestados sentimentos de honra e caracter, corria stricta obrigação aos legitimistas, individualmente considerados, de optarem pelo primeiro, e nunca pelo segundo, em nome e satisfação do seu credo religioso.

Que, em colisão de pedidos, onde não é possível agradar aos homens sem desagradar a Deus, attender aos interesses sem aggravar a consciencia, o homem de bem e religioso sabia o que devia fazer: não votar por *livres pensadores* que levaram a coudadia e a ignorancia a ponto de negarem a existencia de Deus, ridicularisam o culto catholico, e cuspirem na face dos ministros da religião baldões e injurias!

O sr. A. P. C. porém, tomando a parte pelo todo, pensou recahir sobre o partido regenerador o que só poderia caber a um ou a alguns dos homens da situação actual.

De nenhum modo posso ser responsavel de tão infundada como injusta ampliação, a qual a meu ver, não leva outro intento que agular odios e vinganças contra quem não assentira de coração e alma a exigentes insinuações e a importunos pedidos.

Estou prompto, tambem, a sustentar ao sr. A. P. C. o que lhe disse a respeito da attitude que o deveria tomar na proxima questão eleitoral. Sustento que o padre não só não deve votar por um individuo que seja anti-catholico, mas até trabalhar porque vá ao parlamento outro que defenda primeiro que tudo os interesses da religião catholica, e depois os da localidade que representa, com tanto que estes não vão de encontro ao bem commum. Toda a indifferença n'este caso é um crime de lesa magestade divina, porque assim o dissera a mesma verdade por essencia: «quem não é commigo é contra mim».

Não foi todavia, como propalára o sr. A. P. C., sobre o clero, mais conhecedor dos seus deveres religiosos e sociaes que dos seus direitos politicos, que lancei a responsabilidade d'uma grande parte dos males que nos devoram as entranhas; mas sim sobre aquelles que vendem por um prato de lentilhas os direitos de sua primogenitura, antepoem o interesse ao dever, e jogam aos dados da politica a tunica inconsultil dos sagrados principios da religião e da patria.

Nem allegue, em abono da sua accusação, o sr. A. P. C., alguns caracteres honrados da classe sacerdotal, abrigados á sombra da situação actual, porque para esses terei sempre a respeitar-lhes a boa fé, e a lamentar os desvarios causados por seus desacertos.

Longe, bem longe de mim, ser intolerante para com as pessoas, quando sómente o sou para com o erro, pois sou amigo de Platão e muito mais da verdade; e a verdade é que o clero não deveria pôr os olhos no interesse, na ambição, quando a religião d'elle pede a sua influencia salutar na sociedade.

Foi, sem quebra de lealdade, o que então disse ao sr. A. P. C., o que ainda agora affirmo, o que sempre sustentarei, apesar de no sanctuario da consciencia de muitos já ter penetrado a mentira e a illusão.

Graças a este poderoso meio—a imprensa, de pedir condigna reparação.

Faço-o, desde aqui e já, perguntando ao sr. A. P. C. se foi ou não isto o que eu disse, e que s. s. tão de proposito inverta para vingar seu malogrado intento.

Espero, pois, n'este ou n'outro jornal, ver brevemente a affirmação ou negação do facto exposto, porque n'isto vae honra minha e dignidade sua.

Braga 28 de julho de 1875.

Manoel Ferreira Marnóco e Sousa.

REVISTA ESTRANGEIRA

Hispanha.

Do correspondente de Madrid para a «Palavra»:

Continuam os embargos e desterros com a mesma ou maior crueza do que ao escrever a minha ultima e com tanta falta de seriedade como n'ella resehei; pois cada dia apparecem novos nomes de desterros que estão ausentes ha tempo ou a quem Deus já chamou a si. Não ha um só homem sensato, por mais affecto que seja a D. Alfonso, que se atreva a applaudir tão irritantes desmandos, e como o aggravado busca sempre um culpado de seu aggravado, ainda que não seja o que lh'o irrogou, todos accusam o rei, o que lhe faz grande mal, como o fizeram a sua mãe outras accusações que contra ella se formularam.

Quanto á guerra estamos quasi atidos ás informações officiaes, pois os carlistas que ainda por aqui ha não se atrevem a receber noticias dos seus ou a communical-as.

Sei todavia de boa origem que no Norte se consideram muito satisfeitos com as ultimas operações e seguros a respeito das que o exercito não pôde deixar de emprender, e sobretudo alimentam esperanças pelo que se refere a actos e medidas procedentes do exterior.

Ainda que foi uma temeridade aceitar o combate nos arredores de Vitoria, pois além do numero, que sempre é muito superior nos affonsinos, tudo favorecia estes, mostram-se satisfeitos com a energia com que doze batalhões fizeram frente a 30:000 homens, com as perdas que lhes causaram e a excellente reticada que fizeram, desejosos, dizem d'aquelle ponto, de que o exercito se atreva a medir-se com elles em terreno que possa equilibrar melhor as differenças de numero e de meios de combate. Apesar de tudo, ha certo desgosto a respeito do joven Perula, novo chefe d'estado maior, a quem accusam de falta de conhecimentos para dirigir e esperam ver em breve substituido por Mendiri, cuja demissão, segunda parece, tem só por objecto uma viagem ao estrangeiro, ignora-se com que fim.

As operações n'esta comarca reduzem-se a alguns passeios de forças do exercito por varias povoações da planicie de Alava, a que sempre puderam ir, e ao movimento do general La Portilla sobre Lumbier para proteger as brigadas Ota e Gollin, que tinham sido batidas n'aquelle ponto, como disse, á entrada de Alvarez e Pancheta, em Navarra, procedentes do Centro.

Os carlistas tambem enviaram forças em direcção a Valmaseda para continuarem suas operações sobre os valles que dão passagem a Castella, e na linha de S. Sebastião incendiaram duas herdades que occupavam as avançadas da praça e dirigiram seus tiros sobre esta, em cujo interior occorreram varias desgraças pessoais.

Mais actividade do que no Norte apresentam as operações na Catalunha, indubitavelmente por se terem dirigido alli a maioria das forças carlistas do Centro e quasi todas as que operavam contra ellas.

Saballs dirigiu-se de novo sobre Puigcerdá, praça da fronteira, que se empenhou em adquirir e contra a qual nada val a sua boa fortuna; apenas tinha estabelecido o sitio, teve de abandonal-o por causa da aproximação de Martinez Campos que com forças consideraveis se dirigia a a Seo de Urgel, em cujos arredores se encontra actualmente, segundo dizem com

intencões de sitio. Para este fim, previsto ha muito tempo, é que se pediu, como disse, a passagem por França de um trem de sitio, pedido que então foi satisfeito. A isto chamam os liberaes respeito a neutralidade e ao principio de não intervenção proclamado por elles!

As forças carlistas que chegaram áquella comarca procedentes do Centro, achavam-se situadas para os lados de Pons e proximas do general Weyler, que não se atrevera a atacal-as, apesar de não estar com ellas uma grande parte de sua cavallaria que percorria a ribeira do Segre.

Hendaya 20 de julho.—O rei Carlos VII parece dever demorar-se em Villafranca (Guipuzcoa), por causa dos grandes acontecimentos, que se esperam.

D'accordo com o nosso movimento strategico, a brigada de Pandesa (Tarragona), composta de tres batalhões e sob as ordens de seu chefe Agramon, acaba de chegar á Navarra em perfeito estado.

Os affonsinos que, sob as ordens do brigadeiro Ota, tentaram adiantar-se até Lumbier, foram repellidos, com grandes perdas, pelo coronel Ugalte e os navarrenses: uma parte teve de repassar o rio a nado.

No Centro, as rondas, partidas volantes continuam a receber as contribuições e dão que fazer aos nossos inimigos.

Apesar de suas affirmativas, o Collado d'Alpuente continua em nosso poder. Um batalhão aragonês veio, por ordem de Dorregaray, reforçar a guarnição.

Tolosa 20.—O general Dorregaray foi promovido a capitão general, o general Alvarez passa a tenente general

«10:000 armas estão preparadas para o exercito do Centro.

«O Rei está em Villafranca.»

Bayonna 21.—Os telegrammas carlistas desmentem a noticia de que D. Carlos fosse objecto d'um attentado.

As informações certas respeito a Dorregaray sobem ao dia 13 de julho.

N'esta data o general carlista estava no valle de Tremp, dispondo, segundo os despatches carlistas, de 14:000 homens e 1:200 cavallos, e annunciando que se ia unir com o exercito de Savalls para dar batalha a Martinez Campos.

Hendaya 20. Official.—Depois de marchas e contramarchas sempre felizes, o general Dorregaray chegou, no dia 13 ao valle de Tremp (Catalunha), com 14:000 homens e 1:200 cavallos. Este exercito unido já ao de Saballs, dará batalha a Martinez Campos.

Saballs não perdeu nenhuma artilheria diante de Puigcerdá.

La Seo d'Urgel não foi atacada.

As duas noticias d'um tiro de pistola, atirado contra o rei Carlos VII e da ferida de Dorregaray, são puras invenções.

GAZETILHA

Precissão.—E' no domingo a festividade do *Corpus Christi*, na freguezia de S. Victor. De tarde sae a precissão que será feita com todo o esplendor.

A eleição do deputado por este circulo.—Vae n'outra secção um escripto do nssso amigo e antigo collega padre Marnóco, referente á lucta eleitoral que se está ferindo n'este circulo. Publicamol-o por vir competentemente assignado, e ser em desforço pessoal.

Em quanto á questão da eleição nada admittiremos n'estas columnas, que não seja assignado, e em caso identico ao que motivou o communicado de que vimos fallando.

A attitude de neutralidade, que seguimos religiosamente, obrigou-nos a recusar publicidade a varios escriptos que sobre a referida questão nos tem sido enviados por alguns cavalleiros.

Como escriptores limitar-nos-hemos sempre a referir com toda a imparcialidade os factos taes quaes forem succedendo, e como particulares obremos conforme nos dictar a nossa consciencia, e como publica e particularmente temos sempre manifestado.

Inquerito.—Ante-hontem o ill.^{mo} sr. José Duarte de Carvalho, sub-chefe do movimento do caminho de ferro do Minho, veio inquirir do facto, que no passado n.º narramos, acontecido na estação d'esta cidade.

O ultimo opusculo do sr. p.^e Senna Freitas.—Lê-se no «Bem Publico»:

Acaba de publicar-se no Porto, e já

recebemos um exemplar, *Os Lazaristas pelo lazarista sr. Ennes*. Este escripto devido á elegante penna do sr. padre Senna Freitas, é uma calorosa e eloquente apologia da ordem illustre, que em França é conhecida por este nome, e em Portugal pelo seu verdadeiro nome de *Padres da Congregação das Missões*. N'este interessante folheto revela o auctor doctes de polemista pouco vulgares, uma força de raciocinio digna de muito apreço.

O sr. padre Senna Freitas não se limitou a defender aquella ordem tão benemerita, e sob o pseudonymo da mesa a todo o clero catholico, mas travou com o sr. Ennes como um luctador de feras podia travar peito a peito com um tigre, e arrancou-lhe as garras, e quebrou-lhe os dentes das fauces, e depois deixou-o jazeado por terra.

Agradecendo a delicadesa com que nos fez brinde do seu optimo escripto, agradecemos ainda mais a occasião que nos deu de podermos felicital-o tanto pela sua victoria, como por ter desdenhado tirar d'ella o partido que podia tirar, e que não quiz para não offender a caridade.

Santa Anna.—No domingo festejase a Imagem de Santa Anna nos templos dos Congregados e Santa Cruz. N'este ultimo tem de tarde sermão e procissão.

Faveroso incendio.—Com data de 25 communicam de Coimbra ao «D. de N.»:

Faveroso incendio hoje, pela uma hora da noite, em dois bons predios da viuva sr.^a D. Guilhermina Lucas, abastada commerciante da rua dos Sapateiros. Morreram queimados tres de seus filhos, Augusto, Maria José e Antonio, de 9, 12 e 14 annos de idade, e a sua creada Ludovina, de 28 annos, natural da Ponte da Murcella. Foram encontrados já nas escavações os cadaveres de tres infelizes, faltando ainda o da menina. Appareceram tambem papeis e adereços de valor e algum dinheiro. O estado da desventurada familia é desolador e a consternação é geral em todos os habitantes. O fogo pegou na foligem do chaminé. Os predios estavam seguros na *Fidelidade*, mas os prejuizos são bastante consideraveis.

Romaria.—Começou hontem e continúa hoje a romaria de Santa Martha, na Falperra, que costuma ser muito concorrida.

Os tumultos da Bahia.—O dia dois de julho, anniversario da independencia brasileira, foi este anno assignado na Bahia por deploraveis occorrencias. Mal imaginaria aquella briosa cidade, preparando as suas melhores galas para celebrar uma festa, que teria d'assistir a um espectáculo de lucto.

Haviam tomado parte no regosijo publico os batalhões dos inglezes, dos caixeiros nacionaes, do lyceu d'artes e officios, dos artistas nacionaes, afóra os batalhões de linha e cavallaria. As aclamações entusiasticas, poesias, fogos d'artificio, flores, tudo o que pôde accender as alegrias populares tinha abrilhantado a cerimonia, e povo, funcionarios e força publica tractavam já de dispersar.

Na praça do Conde d'Eu, entre o pavilhão e o chafariz, esperava a sua vez de marchar o batalhão do lyceu, já em pelotões, quando o tenente coronel Frias Villar, commandante do 18 de linha, deu ordem de avançar ao seu batalhão.

Ao approximar-se este da columna que formava a rearguarda do batalhão do lyceu, foi-lhe observado que não podia avançar enquanto este o não podesse tambem fazer.

Reagiram os soldados do 18 contra a observação, por meio de palavras que foram repellidos pelos estudantes do lyceu.

A este tempo o tenente coronel Villar repetia a ordem e travava-se altercação entre os dois batalhões, de que resultou ser deitada por terra e quebrada a lança que corôa a baste da bandeira do batalhão patriotico do lyceu e em seguida despregada a franja por alguns soldados.

Foi então que os animos se exaltaram e o 18 carregou, de armas em punho, os estudantes do lyceu e o povo que em massa correu ao logar do conflicto.

Nenhuma voz, nenhuns esforços foram então sufficientes, durante uns vinte minutos, para encadear a ira d'aquelles homens.

Dois desgraçados ficaram estendidos no sólo, um logo morto e outro em risco de vida; uma crioula de 8 a 9 annos foi esmagada pelas patas dos cavallos, um pobre velho, creoulo, maior de 50 annos, levado a couce de arma sobre o peito,

até á grade do jardim provisório, foi cair afinal em estado deplorável, coroando-se a obra d'aquella impiedade, pizando-o aos pés depois de caído.

Durante o conflicto conservaram-se firmes o 16 e a cavallaria de linha.

Ao terminar o funesto acontecimento, alguns cidadãos exaltados pela ira que lhes despertara o occorrido, saltaram vivas ao partido liberal e discursaram em grita sobre o assumpto, pedindo a punição dos criminosos.

A tal ponto chegou a exaltação dos animos, que a não ser a chuva providencial que n'esse momento caiu, só Deus sabe qual seria o remate d'aquelle quadro de horrores.

—O epilogo d'esta triste jornada resumil-o-emos em poucas palavras. O 18 de linha embarcava pacificamente no dia 5, a bordo do paquete nacional «Bahia», e a cidade enterrava os seus mortos com solemnes manifestações de sentimento, ao qual se associavam além dos batalhões academico, lyceu d'artes, letras e sciencias, legião da imprensa e caixeiros nacionaes, quasi todas as pessoas dos mais batalhões patrióticos, officiaes superiores do exercito, representantes da imprensa, grande numero de pessoas gradas e muito povo.

—Quanto ao tenente coronel, procurava embarcar a occultas, mas o povo, sabendo-o, aprelhou-lhe a berlinda, correu sobre elle, arrombou a porta d'um estabelecimento em que se refugiara e descobrindo-o n'um subterraneo, deixou quasi sem vida.

O presidente da provincia, o snr. Venancio J. O. Lisboa, participava em data de 5 ao governo imperial que a tranquillidade se tinha restabelecido completamente, diz o «P. de Janeiro».

Noticias de Hispanha.—O «Bem Publico» analisa do seguinte modo a situação do reino visinho á face das ultimas noticias:

«Pedimos licença aos nossos leitores para não fallarmos n'esta chronica da guerra civil d'este paiz. Achamos que será mais prudente esperar que se enterrem todos os carlistas, que já no Centro, já no Norte, caíram como moscas deante d'uma geada. Parece que Jovellar e Martinez Campos são a tal geada.

Mas se não fallarmos da guerra, não se coide que não ha em que fallar. Não é guerra propriamente dita, mas é mais feoz, mais truculenta que a que fazem os batalhões armados, e os canhões de aço: é a devastação sistematisada, e a queima das searas, a destruição das colheitas, o incendio das casas, e o saque vandálico, levando o seu acompanhamento dos estupros e de todas as violências que podem fazer demonios com a figura humana. Taes são as proezas que fazem os liberaes assim que entram no territorio dos carlistas, ás populações indefesas, compostas só de velhos, de mulheres e de creanças. Quando vimos as narrações das crueldades que os prussianos faziam em França parecia-nos que não seria possível excederem-se; agora porém vemos que os affonsistas são ainda peiores para com os seus compatriotas do que o foram os prussianos em paiz estrangeiro.

Agora conhecemos que elles tinham razão quando diziam que as ideias do século, que os principios liberaes tornariam impossível a victoria da causa carlista. Riam-se d'isto alguns e nós riamos com elles, assistindo aos progressos das ideias dos carlistas e á impotencia do que suppunhamos as ideias liberaes; mas como nos enganavamos! o que suppunhamos ideias liberaes, eram umas fallacias hipocritas feitas para enganar os simples; as verdadeiras ideias liberaes são as que acabamos de referir, e as que vamos contanto, mas agora praticadas pelo mesmo governo.

Publicou elle um decreto, de que já fallamos, que confisca os bens das familias que tenham algum membro d'ellas nas hostes carlistas, e tambem que se suspeitem de outrir ideias carlistas: isto acompanhado de prisão, ou d'expulsão até para a mortifera ilha de Fernando Pó. Se a simples letra do decreto é d'uma infamia descommunal, a pratica deixa-o ainda a perder de vista. Reduzem-se orfãos á miseria, e ninguem se atreve a tomar a defesa d'elles para não ser abocanhado de carlista, ficar tambem pobre, e de mais preso, ou desterrado, ou expulso. São tambem considerados carlistas os que pugnem pela unidade catholica, ou fallem contra o suffragio universal, hipocritamente invocado, e isto tem sido uma rede varredoura, que não só dá meios para a

guerra, mas está enriquecendo o ex-cheife dos caceteiros liberaes, um tal Ducazcal, e os que comem com elle; de modo que tudo treme assim em Madrid, como nas outras cidades liberaes; o que estes snrs. applaudem como bons e consequentes liberaes, assim lá, como cá.

Esta crueza neroniana com a hipocrisia de Ambrosio Lamella patenteia bem os sentimentos que animam os bandos de selvagens que dominam a Hispanha, e os que desejariam poder fazer aqui o mesmo: porém tanto uns como outros estão fazendo odioso o desgraçado joven que lhes caiu nas mãos e tornando o seu dominio impossível por muito sanguinario.»

Caminho de ferro do Minho.

Diz o *Commercio do Porto* que desde o dia 30 do corrente, será provisoriamente modificado o serviço do caminho de ferro do Minho, a fim de o harmonisar com o da linha ferrea do Douro. Assim, além dos comboys existentes, será estabelecido mais um ascendente e outro descendente. O primeiro d'estes partirá do Porto ás 9 h. e 42 m. da manhã e chegará a Braga ás 8 h. e 43 m.; e o segundo partirá de Braga ás 6 h. e 7 m. da tarde, chegando ao Porto ás 8 e 10 minutos.

O horario para os dous comboys ascendentes já estabelecidos, será: para o que sahe do Porto ás 11 h. e 21 m., o mesmo que está em vigor, e para o que sahe ás 5 h. da tarde e chega a Braga ás 7 h. e 14 m., será a partida do Porto ás 5 h. e 44 m., e a chegada a Braga ás 7 h. e 49 minutos.

O horario para os dous descendentes, já estabelecidos, será o seguinte: para o que sahe de Braga ás 4 h. e 21 m. da manhã e que chega ao Porto ás 6 h. e 33 m., a partida de Braga ás 6 h. e 24 m. da manhã e a chegada ao Porto ás 8 h. e 27 m., para o que sahe de Braga á 1 h. e 40 m. da tarde e chega ao Porto ás 3 e 30 m. será o que está em vigor.

Tanto os novos comboys como os já estabelecidos, pararão em todas as estações da linha.

O estabelecimento dos dous novos comboys vem satisfazer uma necessidade notada desde o começo da exploração d'este caminho, qual é a de ir a Braga e voltar no mesmo dia, gosando igual beneficio os individuos de Braga, quando precisem de visitar o Porto.

O comboyo que sahir do Porto para Braga ás 6 h. e 21 m. da manhã, corresponde com o comboyo do caminho de ferro do Douro que partirá de Penafiel para o Porto ás 5 h. e 43 m. da manhã; o comboyo que sahir de Braga para o Porto ás 6 h. e 24 m. da manhã, corresponde com o do camidho de ferro do Douro que partirá do Porto ás 7 h. e 45 m. da manhã e chegará a Penafiel ás 9 h. e 32 m., o comboyo que sahir do Porto para Braga ás 5 h. e 44 m. da tarde, corresponde com o do Douro que partirá de Penafiel para o Porto ás 4 h. e 43 m.

D'este modo o transito das estações da linha ferrea do Minho desde Ermezinde até Braga para as estações da linha do Douro, pôde fazer-se directamente pelo comboyo que sahir de Braga para o Porto ás 6 h. e 24 m. da manhã, e vice-versa pelos comboys que sahirem do Porto para Braga ás 6 h. e 42 m. da manhã e 5 h. e 44 m. da tarde.

VARIÉDADES

NA PARVONIA.

[A mestre Roque]

(Continuação do n.º antecedente)

«Branco» mais branco do que a pura neve brada Roque II que além passa: —«ditosa patria que tal filho teve!» Ditosa Lagoaça! (1)

Tu lhe deves erguer um monumento, que, no stilo dos tempos medievos, com pulmões de ferreiro troe aos evos: —eis um palerma que saiu portento.

II

Certo dia mestre Roque foi de sacco a tiracollo pulsar muito de mansinho á porta do deus Apollo.

(1) Terra onde o mostrenguinho nasceu.

Assim que o deus loiro o viu, afinou o rabecão, e disse, olhando-o de lado: —hum! tens cara d'intrujão...

E depois que mestre Roque sua pretensão expoz, Apollo mandou servir-lhe graúdo prato d'arroz.

Logo que fartou a pança mestre Roque, o parvonez, veio um lacaio d'Apollo despachal-o a pontapés.

(Continúa)

Gaudencio.

AGRADECIMENTOS

João Fernandes Valença, D. Maria José da Silva Rocha Valença, Antonio Peixoto Braga, D. Joaquina do Carmo Ferreira Peixoto Braga e D. Anna, da Conceição da Silva Rocha, gratos ás provas de consideração e amizade com que as pessoas de suas relações procuraram adoçar-lhes a sua afflictissima situação, causada pelo profundo golpe que os feriu no mais intimo da alma, pelo fallecimento de seu estremo e nunca assás pranteado filho e sobrinho, Antonio Fernandes Valença, cujo sepultamento teve lugar no dia 20 do corrente, possuidos da indeclinabilidade d'um doloroso dexter, servem-se d'este meio para por elle deixarem bem constatada a sua gratidão e reconhecimento, pedindo desculpa de não o fazerem pessoalmente.

Igualmente agradecem aos snrs. ecclesiasticos que obsequiosamente celebraram o santo sacrificio da Missa e assistiram aos Officios no real templo de Santa Cruz. (C. 2587, R. 106)

ANNUNCIOS

MONTE-PIO DE S. JOSE'

São convidados todos os socios do Monte-Pio de S. José, que estejam no gozo dos seus direitos, a comparecer no domingo 1.º d'agosto, pelas 10 horas da manhã, no salão do theatro de S. Geraldo, para ser discutido o novo estatuto, e apresentadas as contas do 1.º semestre do corrente anno.

As contas acham-se patentes no escriptorio da direcção, campo de Sant'Anna, n.º para os socios as examinar.

Braga 26 de julho de 1875.

O presidente da assemblea geral

Sebastião Maria Antunes da Silva Monteiro. (2599)

Vende-se uma morada de casas com quintal, na rua do Anjo n.º 20 e 20 A, d'esta cidade; tem commodos para uma numerosa familia. Quem a pretender dirija-se á mesma casa. (2598)



NOVO HORARIO.

Joachim José Cerqueira, Francisco José Cerqueira, Joaquim Cerqueira Junior, e José Antonio Cerqueira, de Ponte do Lima, levam ao conhecimento do publico que estabeleceram um novo horario para as carreiras que tem estabelecidas entre Braga, Ponte do Lima e Vianna do Castello, a principiar no dia 23 do corrente inclusivé, a saber: Sae de Braga do escriptorio do Arranjadinho no largo da Lapa, ás 6 horas da manhã, chega a Ponte ás 10. e sae de Ponte ás 2 da tarde e chega a Vianna ás 5. Sae de tarde de Braga ás 2 horas, e chega a Ponte ás 6 e a Vianna ás 9 da noite.

Volta—Sae de Vianna ás 3 horas da manhã, chega a Ponte ás 6, e a Braga ás 11 da manhã, e de tarde sae de Ponte ás 3 horas e chega a Braga ás 8 da tarde, tendo meia hora de demora em Freiriz.

Preços:

De Braga a Ponte do Lima, e vice-versa, dentro 500 reis e fóra 400.

De Ponte a Vianna, e vice-versa, dentro 300 reis e fóra 240.

De Braga a Vianna dentro, 800 reis e fóra 700.

Escriptorios: em Vianna, casa do snr. Frago, praça da Rainha, e em Ponte do Lima, em casa do sr. José Antonio Cequeiros, largo do Chafariz.

Braga 23 de Julho de 1875.

O gerente

(2589) Francisco Pereira Leite e Castro.



Manoel Antonio de Castro Teixeira e Francisco Mesquita, fazem publico que desde o dia 1.º d'agosto inclusivé do corrente anno, principiam com as suas carreiras diarias para a Povoá do Varzim.

Horario:

Sae de Braga ás 5 horas da manhã, chega a Barcellos ás 7 e meia, tendo de demora meia hora; sae de Barcellos ás 8 chega á Povoá ás 11. Vice-versa, sae da Povoá de Varzim ás 5 horas da manhã, chega a Barcellos ás 8 e meia tendo a mesma meia hora de demora; sae de Barcellos ás 9, chega a Braga ás 11 da manhã.

Preços dentro 600 reis.

Fora . . . 500 »

O seu escriptorio em Braga é em casa do snr. Ribeiro Braga, praça do Barão de S. Martinho, e na Povoá no largo do Rego no seu antigo escriptorio.

Braga 26 de Julho de 1875.

Pelos mesmos annunciantes,

(2597) O Gerente, Ribeiro Braga.

BANCO MERCANTIL DE BRAGA

Sociedade anonyma, de responsabilidade limitada

Rua Nova de Sousa, n.º 19

Toma letras e dá cartas de credito e saques sobre todas as praças do reino onde tenha agencias e sobre as principaes praças do estrangeiro.

Desconta letras da terra e de cambio e quaesquer obrigações commerciaes, cujo vencimento não exceda 12 mezes da data do desconto.

Recebe depositos á ordem e a praso fixo, abocando juros aos depositantes.

Empresta sob penhores d'ouro, prata, pedras preciosas, papeis de creditos e outros quaesquer valores.

Compra e vende, de conta propria e de terceiro, generos, papeis de credito e outros valores, assim como executa ordens de Bolsa.

Finalmente faz todas as operações de credito agricola, industrial e commercial consignadas nos estatutos do Banco.

Pelo Banco Mercantil de Braga,

Os directores

José Joaquim Lopes Cardoso

João da Costa Palmeira

(2594) José Antonio Rebello da Silva

Venda de uma quinta

Vende-se uma quinta sita no melhor local da freguezia de Adaufe, d'este concelho que se compõe de casa para caseiro, terras lavradas e mato, bem arborizada, com agua de lima e rega. Quem a pretender dirija-se a Fernando Fouceca Franco, rua da Ponte n.º 59—Braga. (2588)

ALUGA-SE

Uma casa feita de novo, sita na rua das Agoas, n.º 91. Trata-se na rua do Chãos n.º 13.

Póde vêr-se das 10 horas da manhã, até á 1 da tarde. (2560)

METAES VELHOS

Na travessa de S. João n.º 5, compra-se toda a qualidade de metaes, e ferro velho até mesmo fundido. (860)

ARREMATACÃO

A requerimento de José Joaquim d'Almeida, viuvo, d'esta cidade, pelo cartorio de Motta, á face do inventario por fallecimento de sua mulher se tem d'hastear em praça voluntaria, e entregar se o preço convier, no dia 8 do proximo agosto pelas 9 horas da manhã, no tribunal da justiça, as quintas do Paço, e de Sandarão, sitas na freguesia de Semelhe, proxima d'esta cidade, com vista para a cidade e estação da linha ferrea e d'esta para aquellas, a primeira descripta de baixo da verba n.º 332 no valor liquido de 8:322\$600 reis, a segunda descripta de baixo das verbas n.ºs 319 a 229 inclusivé e 331 no valor liquido de 6:672\$405 reis e ambas já no lance de 12:500\$000 reis juntas, mas que se arrematarão juntas ou separadamente, como mais convenha ao inventariante e tudo na forma do seu requerimento. (2570)

Banco Agricola, Commercial e Industrial de Ponte do Lima

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

São convidados os snrs. accionistas a entrarem com a 1.ª prestação de 5 p. c. ou 2\$500 reis por acção, a cuja cobrança se procederá do dia 15 a 25 do proximo mez d'agosto,—no Porto em casa do sr. Pedro Ferreira de Macedo Basto;—em Braga, em casa do sr. Antonio José Pereira;—em Ponte do Lima, na séde do Banco.

Os snrs. accionistas que não satisfizerem no referido prazo, ficam sujeitos ás disposições do art. 18 dos Estatutos e seus §§.

A direcção d'este Banco, annuindo aos desejos d'alguns snrs. accionistas, declara que recebe desde já, qualquer prestação anticipada, abonando o juro de 5 p. c. desde o recebimento até o prazo das chamadas.

Ponte do Lima 21 de julho de 1875.

Os directores

João de Barros Mimoso
Joaquim Gerardo Alvares Vieira Lisboa.
(2593)

EDITAL

A camara municipal do concelho de Villa Nova de Famalicão, etc.

Faz publico que no dia 11 do proximo mez d'agosto, por 10 horas da manhã, nos Paços do Concelho da referida villa, hade andar a laços, para ser arrematada a quem por menos preço fizer a construcção do 2.º lanço da estrada concelhia n.º 9, comprehendido entre os logares de Sobre-Ceara e do Monte. perfis 0, a 131 do respectivo projecto, na extensão de 2:178, m 02, sendo a base da licitação a quantia de 2:748\$800.

As condições acham-se desde já patentes na secretaria da camara, para quem as quizer examinar, desde as 9 horas da manhã até ás 3 da tarde.

E para que chegue ao conhecimento de todos, mandou publicar o presente.

Famalicão 19 de julho de 1875.

O presidente

(2592) Barão de Trovisqueira.

Ha uma casa no Campo Novo onde se admittem alumnos internos até a idade de 13 annos e externos de qualquer idade que sejam, que saibam ler e se quei-

ram habilitar-se para os exames de instrucção primaria, geometria e francez.

Tambem se ensina a fallar e escrever a lingua franceza sómente aos internos que a pretenderem.

Quem quizer, dirija-se ao campo Novo n.º 17. (2595)

MOURA

BRAGA

RUA DE S. MARCOS, N.º 5.

Vende cimento romano para vender aguas, gesso para estuques de casas, tudo de primeira qualidade. (2584)

MOURA

BRAGA

RUA DE S. MARCOS, N.º 5.

Vende olio, tintas e vernizes para pinturas de casas, tudo de boa qualidade, e preços muito resumidos.

MOURA

BRAGA

RUA DE S. MARCOS, N.º 5.

Vende papeis pintados para guardar salias, lindissimos gostos, a principiar em 80 reis a peça.

DOCTOR IN ABSENTIA

O professor em artes, letras e sciencias, membro do clero e magistrados, todo o medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra). (T*)

Asphalto Nacional da Mina de Aseche

A Companhia de Lisboa com escriptorio no Porto na Rua do Bomjardim n.º 365, previne os seus freguezes e o publico em geral que continúa a encarregar-se de qualquer obra a que seja applicavel o asphalto, assim como terraços, impenas, passeios em jardins e nas ruas publicas, cavalheriças, eiras, etc.

A mesma Companhia presta-se a garantir o bom resultado do seu trabalho, sendo sufficiente para recommendar o seu asphalto, a perferencia que lhe tem sido dada pela administração das obras publicas e o repetido chamamento para substituir asphalto que se por ali pregou, como vindo do estrangeiro.

Todos os snrs. que precisem qualquer encomenda d'este genero, podem fazela no Porto Rua do Bomjardim n.º 365, e em Braga, na Fabrica da Fundição do Minho. (2535)

NOVA FUNDIÇÃO DE FERRO

DE Antonio Germano Ferreirinha

NA Travessa de S. João

Aonde faz toda a obra, assim como bombas, conçoilas, columnas para gaz, pezos novos, panellas á ingleza de todos os tamanhos, canos para agoas e gaz, e toda a obra de fundição, como grades para sacadas, obra de metal, sinos e outros objectos de igual teor etc., pelos preços do Porto.

Agencia do Banco de Vianna

CARVALHOS & C.ª

Rua do Souto n.º 30

BRAGA

Esta agencia faz as seguintes operações: Desconta letras da terra e de cambio. Eucarrega-se da compra e venda de papeis de credito.

Recebe dinheiro á ordem e a praso abonando juros.

Empresta sobre penhores d'ouro, prata, inscrições, acções de bancos e companhias.

Saca sobre praças do reino e estrangeiras, onde o Banco tem agencias.

Braga, 3 de junho de 1875.

Os agentes,

(B.) Carvalhos & C.ª

O MATRIMONIO

Sua lei natural e historia

Sua importancia social

Tradueção do bacharel

Luiz Beltrão da Fonseca Pinto de Freitas

1.º volume.—1.ª parte—(á venda) 500 reis

2.º volume.—2.ª parte—(no prelo) 500 reis

Vende-se em Guimarães, na Livraria Internacional de Teixeira de Freitas, Editor, rua de S. Damaso, 91, e em Braga, na Livraria Catholica e Internacional.

J. M. PINHEIRO



CIRURGIÃO DENTISTA

ESCOLA AMERICANA

Recentemente chegado a esta cidade, aonde pretende demorar-se algum tempo, offerece os seus serviços ao respeitavel publico em tudo que disser respeito á sua arte.

Extrai, cura e conserta os dentes cariados, colloca dentes artificiaes, com perfeição e cura todas as affecções da bocca; especialidade da escola moderna. Consultas e extracção de dentes aos pobres, gratis das 8 ás 9 horas da manhã.

Consultorio, Praça do Barão de S. Martinho n.º 27—2.º andar. (C. 2574 R. 105)

PADRE SENNA FREITAS

OS LASARISTAS

Pelo Lasarista sr. Ennes

Preço 100—Pelo correio 120

Vende-se em Braga, n'esta tipografia, rua Nova n.º 3—na Livraria Catholica, rua do Souto e na Praça Municipal, em casa do sr. Vieira Machado.

No Porto, Praça de D. Pedro, na Livraria Central, de Mesquita, para onde devem ser feitas quaesquer reclamações.

Preço. 100 rs.

Aviso ao commercio

Na Praça d'Alegria, d'esta cidade, n.º 15, (antigo Campo das Hortas) acha-se estabelecida uma casa de commissões. Seu proprietario toma conta de despachos de

mercadorias de qualquer natureza que sejam, tanto d'esta cidade para a do Porto, como do Porto a esta. Promptifica-se a tomar conta de todas as fazendas em casa dos snrs. negociantes, e a entregal-as na do destinatario, (em que só n'isto vae uma grande vantagem) tudo por uma modica commissão sem competidor.

Quem precisar esclarecimentos póde dirigir-se á casa supra mencionada ao commissario

Antonio Zacharias da Silva Coelho. (2536)



José da Silva Fundão

Campo de Sant'Anna (lado de baixo) n.º 68.

Participa aos seus amigos e freguezes, tanto d'esta cidade como das provincias que tem um bonito e variado sortimento de fato feito, casimiras para fato muito baratas, córtes de calça a 1\$500, 2\$000 e 2\$500 reis; tudo fazendas modernas.

Guarda pós de casimira e de alpaques inglezes, roupa branca, assim como camisas de 600 reis para cima, ceroulas de 400 reis até 800, de panno familiar, e meotes, bonnets de gorgurão de seda e de casimira de todas as qualidades de 500 rs. até 800; mantas de seda de todos os feitos.

N. B. O annunciante faz publico, que se encarrega de fazer qualquer obra que lhe seja encomendada, e promptifica-se a ficar com ella quando não fique á vontade do freguez. (P*)

ARMAZEM DE VINHOS DO ALTO DOURO

DA CASA DE VILLA POUCA

RUA DO SOUTO N.º 15

BRAGA.

Acaba de ser sortido este armazem com as seguintes qualidades de vinhos engarrafados e aquartilhados:

ENGARRAFADOS

Vinho tinto de meza.	150
» » » » »	190
» Lagrima	200
» Branco de meza.	210
» tinto de meza fino.	270
» de prova secca.	300
» Malvasia de 2.ª.	360
» » velho.	400
» Bastardo	500
» Moscatel	500
» Malvasia	500
» Roncão	700
» Alvaralhão	560
» Velho de 1854.	600

A RETALHADO

Vinho para meza 50 e 80, o quartilho tinto e 120 o branco.

Responde-se e garante-se a pureza e boa qualidade de todos estes vinhos, podendo todo e qualquer consumidor mandal-o experimentar por meio de qualquer processo chymico.

N'estes preços não fica incluido o valor da garrafa que o comprador apresentará ou pagará 50 reis por cada uma. (N*)

ALTA NOVIDADE

26, Rua do Souto, 26

Junto á rua de Jano.

CHAPELARIA ALMEIDA



Acaba de receber das melhores fabricas do Porto, na ultima moda, grande e variado sortido de chapéos, de seda e de feltro, para homem, menino, e senhora. Bonita colleção de bonets, que tudo vende mais barato que em outro estabelecimento.

Fabrica, concerta e põe na moda, com perfeição qualquer chapeo que esteja nas circumstancias. (2530)